

Almeida, Carla Aurélia de (2007) “Olhe estamos mesmo no fecho da emissão’: sequências prototípicas de actos ilocutórios, variações e estratégias discursivas no (pré-fecho) e fecho de interações verbais na rádio” in Lobo, Maria; Coutinho, Maria Antónia, *Textos seleccionados. Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra 2-4 de Outubro de 2006*, Lisboa, Colibri, pp. 57-71; também disponível online no seguinte local: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-22-encontro-apl-2006.pdf>

“Olhe estamos mesmo no fecho da emissão”: sequências prototípicas de actos ilocutórios, variações e estratégias discursivas no (pré-fecho e) fecho de interações verbais na rádio

Carla Aurélia de Almeida

Universidade Aberta – Departamento de Língua e Cultura Portuguesas

Versão pré-publicada

Introdução: enquadramento teórico

A presente investigação¹ insere-se num lugar de confluência de uma multiplicidade de linhas de orientação saídas de diferentes correntes teóricas que se inscrevem na chamada Análise do Discurso (Fonseca, 1996; Schiffrin et al., 2001).

O enquadramento teórico insere-se na perspectiva semântico-pragmática de análise dos fenómenos linguísticos que tem por base uma multiplicidade de linhas de orientação teórica saídas dos modelos da Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, 1996), da Análise Interaccional (Kerbrat-Orecchioni, 1990; Traverso, 1996; Heller, 2001) e da Sociolinguística Interaccional (Gumperz, 1989).

Tendo por base um corpus² constituído por interações verbais presentes em cinco programas de rádio, realizados em período nocturno, com uma clara matriz dialogal, procederemos à análise do modo como as relações funcionais entre actos ilocutórios realizam o trabalho de “acomodação intersubjectiva” (Fonseca, 1996) através de estratégias discursivas específicas presentes nas sequências de pré-fecho e fecho.

¹ A comunicação que agora se apresenta enquadra-se no âmbito das actividades de investigação realizadas no doutoramento em Linguística, apresentado à Universidade Aberta em 28 de Novembro de 2005. Sobre a análise das estruturas de fecho e das estratégias discursivas que aí ocorrem, cf. Almeida (2005: 389-618).

² O corpus, recolhido e informatizado por nós reúne participações de 479 “ouvintes”. Sobre este assunto, cf. Almeida (2003; 2005).

Considerando que as sequências de pré-fecho e fecho das interações conversacionais são fortemente ritualizadas, com uma função essencialmente relacional e uma estrutura fortemente estereotipada (Kerbrat-Orecchioni, 1990: 210), procederemos à caracterização do discurso institucional (Drew e Heritage, 1992) de programas de rádio portugueses com uma dimensão interaccional fortemente marcada (corpus oral constituído por programas de rádio portugueses) e realizaremos a descrição das regularidades discursivas presentes nas sequências de pré-fecho e fecho.

Através da interface entre teoria analítica e análise empírica, procederemos, em primeiro lugar, ao levantamento das sequências de actos de discurso em função do momento de fecho da interacção conversacional e, em segundo lugar, procuraremos verificar se a sequência de actos de discurso se configura em padrões de organização sequencial. A constatação da existência de regularidades discursivas permite-nos analisar as estratégias discursivas (Gumperz, 1989) que os interlocutores accionam em função das trocas interactivas e interlocutivas específicas.

Procuraremos demonstrar que o discurso em programas de rádio nocturnos³ é constituído por práticas discursivas singulares, fortemente ritualizadas e com uma componente interactiva e interlocutiva bem marcada, apresentando, nas sequências de pré-fecho e fecho, dispositivos específicos do trabalho de “acomodação intersubjectiva”.

1. Os dispositivos de acomodação intersubjectiva e a consolidação da relação interlocutiva no fecho

Segundo J. Fonseca (1996), os “(...) elementos de cariz relacional / ritual concentram-se, como é habitual, nos momentos estruturais de abertura e fecho da conversação, mas estão também disseminados por todo o discurso, e denotam um cuidado trabalho de figuração desenvolvido pelos interlocutores” (*Idem*: 3).

As saudações de abertura⁴ das interacções verbais na rádio permitem verificar que há uma grande ocorrência de tipos de saudação e de rituais verbais de apresentação que permitem a *ratificação interaccional* (Goffman, 1987; Conein, 1989) dos papéis de “locutor” e de “ouvinte” (“mecanismos de validação interlocutória”) que se constituem “personalidades radiofónicas” (Müller, 1995: 235) em face de um auditório. Verificamos também que as diversas formas de saudação e o modo como o locutor organiza as acções verbais não raro exigem o alargamento da estrutura das vezes de elocução como forma de realizar as estratégias discursivas de delicadeza positiva para com as faces positivas dos interlocutores, preparando o equilíbrio interaccional e ratificando, de modo negociado, os papéis e a assunção autorizada para assumir a vez de elocução que permitirá a entrada no tema da emissão.

³ Seleccionámos cinco programas nocturnos: *Clube da Madrugada* (=CM) da Antena 1, *Boa noite* (=BN) da Rádio Renascença; *Bancada Central* (=BC) da TSF, *Tempo de Antena* (=TA) da Antena 1; *Estação de Serviço* (=ES) da Rádio Renascença. Cf. Almeida (2003).

⁴ Sobre as sequências discursivas de saudação presentes na abertura e as estratégias discursivas aí analisadas, ver Almeida (2005: 173-384).

No fecho predominam as estratégias de “consolidação da relação interlocutiva” (Laver, 1981) com a presença de “comentários de consolidação” (*Idem*) e/ou “saudações complementares” (André-Larocheboouvy, 1984).

De um modo geral, verificamos a presença de estratégias de valorização de delicadeza positiva para com a face positiva (como os votos, os elogios e os actos expressivos), bem como as estratégias de delicadeza negativa para com a face positiva como os “comentários de mitigação” e os actos de proposta e convite⁵.

Ainda a propósito deste momento principal de fecho, iremos demonstrar que, nas conversas na rádio, aparecem as actividades que Véronique Traverso (1996) observou a propósito das conversas familiares: as saudações de despedida, a reiteração das trocas de saudação e a sequência de pré-fecho com a retoma dos temas constitutivos da conversação (*Idem* : 68).

No discurso institucional de programas de rádio com uma clara matriz dialogal e onde se encena um discurso informal, familiar, surge também a tendência, presente em interacções do quotidiano, de os interlocutores colaborarem no aumento do número de vezes de elocução e/ou “prolongamento” das sequências de fecho.

Os constrangimentos de tempo provocados pelos horários dos programas de rádio e pela necessidade de dar a vez de elocução a um maior número de participantes durante as emissões exigem diferenças significativas relativamente ao alongamento ou não das estruturas de fecho, incluindo a presença ou ausência de pré-fechos, as interrupções e os cortes do discurso dos participantes que não cumprem o tema da emissão.

Considerando que esta fase de fecho da interacção pode apresentar ou não sequências de pré-fecho, verificaremos de que modo se constrói o alargamento, em termos de número de vezes de elocução, das sequências que aí surgem com o objectivo de o locutor destes programas atender às dimensões informativas e pragmáticas do discurso, procurando, por um lado, respeitar as máximas da pertinência e de modo de Grice com a produção de intervenções-resumo (dimensão informativa do discurso) e, por outro lado, accionar o sistema de regras de cortesia, com a produção de estratégias de delicadeza, como os actos de agradecimento intensificado seguidos de saudações de despedida e de outros actos como os votos, projectos, ofertas e convites – actos orientados para « l’ après conversation » (Traverso, 1996) – que procuram não pôr em causa a relação interlocutiva instituída (dimensão pragmática do discurso) e contribuem para a consolidação desta última.

Com efeito, e no dizer de J. Fonseca (1996), as “(...) manifestações de cortesia positiva, direccionada à acomodação intersubjectiva e, mais ainda, à valorização das faces dos interlocutores, à manifestação de apreço e de expectativas positivas, à ratificação de imagens recíprocas de papéis ou estatutos conversacionais, à expressão de modéstia, de comunhão (não raro hiperbolizada) de interesses e de perspectivas e ainda de um generalizado envolvimento cooperativo (...)” são “ (...) aspectos que favorecem ou mesmo optimizam o bom relacionamento interactivo” (*Idem*: 3).

⁵ Sobre a análise do acto ilocutório de convite em interacções verbais orais, cf. Almeida (2000: 199-236).

A propósito do ritual comunicativo das fórmulas de fecho da conversação, Helena Araújo Carreira (1997) refere que a variedade destas fórmulas permite « (...) nuancer la régulation interlocutive, selon les axes vertical (régulation de la distance hiérarchique) et horizontal (régulation du degré de familiarité) » (*Idem* : 139).

Analisaremos então as actividades discursivas presentes na secção de fecho (com a ocorrência facultativa de sequências de pré-fecho) que, tal como a fase da abertura, constitui outro momento das interacções dominado pela organização pragmática do discurso (Traverso, 1996), isto é, por uma “(...) generalizada presença de conteúdos relacionais/rituais (...)” (Fonseca, 1996: 3) e procederemos à análise dos “dispositivos de textualização/discursivização ou de sequencialização discursiva” (*Idem*) que facilitam “o trabalho interpretativo e garantem o apropriado andamento do discurso” (*Idem*: 4).

2. A competência retórico-pragmática

Segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni (1986), existe uma lógica de estruturação da conversação humana configurada num conjunto de regras que regem as interacções conversacionais e determinam o funcionamento das vezes de elocução, os pares adjacentes e as sequências de abertura e de fecho (*Idem* : 227). Ainda segundo esta autora, estas regras interiorizadas pelos interlocutores fazem parte da competência “retórico-pragmática” (*Idem*: 194).

Os ouvintes que telefonam para estes programas de rádio respeitam todas estas regras que regem as interacções conversacionais e reconstróem, a partir da sua competência retórico-pragmática, as sequências ou os elementos destas sequências que faltam, mas que são calculadas a partir do contexto e do cotexto⁶.

Esta competência engloba também as leis do discurso que dizem respeito ao conjunto dos comportamentos sociais e relevam de uma espécie de código de conveniências que denominamos também de “leis da cortesia” e/ou de “delicadeza”⁷.

3. O papel do locutor da rádio nos momentos principais: a gestão retórica do fecho e pré-fecho

No âmbito da análise do que chama de «aspect ‘trilogique’» presente em programas de rádio constituídos por telefonemas de ouvintes, F. E. Müller (1995 : 235) refere como «personnalités radiophoniques» o público/auditório, os ouvintes e o animador/locutor, no vértice da pirâmide, “leader” com prerrogativas acrescidas e responsabilidades institucionais na gestão das interacções conversacionais (*Idem* : 202).

⁶ Sobre este assunto, cf. a teorização de P. Bange (1983).

⁷ Sobre este assunto, cf. Brown e Levinson (1978); cf. também Kerbrat-Orecchioni (1992).

Este papel condutor do discurso dos intervenientes no espaço da emissão revela-se com mais saliência, precisamente, nos momentos de abertura e no fecho (e pré-fecho). Neste último momento, o locutor tem o papel de fechar a emissão de forma gradual ou não, com interrupções e cortes validados, a maioria das vezes, como pertinentes e esta prerrogativa revelar-se-á, como iremos ver, na escolha das estratégias discursivas com o valor ilocutório de asserção-resumo, e com a produção regular de um acto de agradecimento superlativado (intensificação do acto de agradecimento) que constitui para o ouvinte um sinal de que se está a preparar o fecho da emissão.

Não raro, é o locutor de rádio que tem a prerrogativa de iniciar a sequência de fecho, ao contrário das conversas realizadas em contexto mundano, como as que são analisadas por André-Larochebouvry (1984a: 99), onde as saudações de fecho não constituem apanágio de um interlocutor particular.

É precisamente nesta sequência de fecho que o locutor revela de forma mais evidente o seu papel de verdadeiro gestor das trocas. O locutor de rádio, tal como um anfitrião que recebe os convidados em sua casa, pode iniciar o fecho com um acto de agradecimento que incide simultaneamente na pertinência do contributo dado pelo ouvinte para o desenvolvimento dos temas. Este último demonstra, com a sua participação, a aceitação do acto de convite realizado previamente na sequência de abertura (Almeida, 2005: 180-191), isto é, o locutor de rádio está autorizado, dado o seu estatuto de [+Autoridade], para produzir actos de agradecimento – actos orientados para a própria conversação. Estes actos de agradecimento realizam um movimento retroactivo, ascendente (Roulet *et al.*, 1985) que possibilita a *completude interactiva* dos valores ilocutórios anteriormente produzidos e o fecho equilibrado das trocas discursivas e/ou *completude interaccional* (*Idem*).

4. A sequência prototípica de fecho

4.1. O protótipo: [Agradecimento Intensificado + T. de End. +Saudação de Despedida]

Nos programas de rádio em análise ocorre uma sequência prototípica de fecho constituída por um acto de agradecimento intensificado pelo superlativo analítico sintético seguido do termo de endereçar em anteposição ou posposição em relação a ele e com a co-ocorrência de um acto de saudação de despedida na mesma vez de elocução.

Atentemos então nos seguintes excertos de fecho das interacções:

Programa: TA

Tema: “O terrorismo”

Data: 15/09/01

Ouvinte nº. 333, masculino, Porto.

Fecho:

→Locutor: [T. End. + Agrad. com Superlativo + Saud.] «M. muito obrigado, boa noite.»

Ouvinte: [Saud.] «Bem-haja.»

Locutor: [Votos] «Bom fim-de-semana.»
[Asserção] «Foi mais um tempo de antena.»
Ouvinte: [Agrad. com Superlativo + Saud.] «Muito obrigado, boa noite.»

Programa: BN
Tema: “Regionalização”
Data: Outubro/1998
Ouvinte nº. 132, feminino, Vila Franca de Xira
Fecho:

→Locutora: [Agradecimento Intensificado] «Muito obrigada por ter vindo.»
[Saudação] «Uma boa noite pra si.»

Ouvinte: [Despedida Familiar + Saudação Cortês] «Um beijinho, prazer em ouvi-la.»

Locutora: [Despedida] «Até à próxima.»

A análise destes exemplos permite-nos verificar que a uma realização de uma estrutura prototípica de fecho aberta pelo locutor, constituída pelo agradecimento intensificado e pelo movimento de saudação de despedida “boa noite”, se segue a realização de um acto de saudação de despedida por parte dos ouvintes. Estes actos constituem estratégias discursivas de delicadeza positiva para com as faces positivas de quem os recebe e a sua não ocorrência constituiria uma forte ameaça a estas faces e poderia pôr em risco a consolidação das relações instituídas (Laver, 1981: 303).

Não raro, antes da realização do acto de agradecimento intensificado, ocorre o segmento “Sim senhor”. Este segmento marca uma conclusão avaliativa que permite a completude interactiva (Roulet *et al.*, 1985) dos valores ilocutórios dos actos que ocorrem no momento anterior da interacção e permite abrir a fase de fecho:

Programa: CM
Tema: “Jardins Zoológicos”
Data: 26/02/98
Ouvinte nº. 241, masculino, Maia, linha de ouvintes habituais
Fecho:

→Locutor: [Marcação de Concl. Avaliativa] «Sim senhor.»
[T. End. + Agrad. no Superl.] «V.G. muito obrigado pela sua visita.»
[Saudação de despedida] «Até uma outra ocasião.»

Ouvinte: [Desp. + Saud.] «E adeus boa noite.»

Locutor: [Agrad. no Superlativo] «Muito obrigado.»
[Saud.] «Bom dia.»

A fase de fecho é assim iniciada pelo *operador de sequencialização* e/ou *operador de discursivização* “Sim senhor” que permite a conclusão avaliativa da troca e a realização da *completude interactiva*, constituindo uma estratégia discursiva de *desaceleração* ou *abrandamento do fluxo de progressão temática* (Traverso, 1996),

evidenciando que os temas constitutivos da conversação estão terminados e que é possível iniciar a estrutura de vezes de elocução do fecho da interacção.

4.1.1. O “jogo mimético”: a reiteração de actos de agradecimento

Não raro, o acto de agradecimento ocorre em estruturas de pares, revelando o “jogo mimético” (André-Larochebouvy, 1984) de agradecimentos repetidos: o locutor agradece os votos (acto em seu próprio benefício) e o ouvinte agradece a oportunidade de ter entrado na emissão e de ter podido dialogar com o locutor de rádio.

Atentemos no seguinte excerto:

Programa: TA

Tema: “As polémicas declarações do Presidente do Sporting”

Data: 1/12/01

Ouvinte n.º. 381, masculino, Cacém

Fecho:

→Locutor: [T. End. + Agrad. com Superlativo + Votos] «J.T., muito obrigado por ter ligado, um ótimo fim-de-semana.»

[Saud. Cortês] «Disponha sempre.»

→ [Agrad.] «Obrigado por ter vindo ao Tempo de Antena.»

→Ouvinte: [Agrad. com Superlativo] «Muito obrigado (...) pela oportunidade que me deram.»

→Locutor: [Agrad. com Superlativo] «Muito obrigado.»

[Saud.] «Boa noite.»

→Ouvinte: [Agrad.] «Obrigado também.»

→ [Saud. + Agrad.] «Boa noite e obrigado.»

[Pedido de Licença] «Com licença.»

[Votos] «Bom trabalho pra vocês.»

Este exemplo ilustra a reiteração de actos de agradecimento intensificado específicos da sequência prototípica de fecho: verificamos a repetição de actos de agradecimento que visam o estabelecimento de um fecho com a “acomodação intersubjectiva” (Fonseca, 1996) das faces uma vez que estes actos constituem uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do interlocutor. O locutor produz uma sequência iniciativa prototípica, isto é, um acto de agradecimento, um acto facultativo de votos, seguido de movimento de saudação.

A reiteração do acto de agradecimento realizada pelo locutor deste programa permitiu também, como estratégia de consolidação da relação interlocutiva, ao ouvinte agradecer, em sobreposição da vez de elocução, a oportunidade que aquele, como representante da equipa de profissionais, lhe deu de poder entrar em antena: “Muito obrigado (...) pela oportunidade que me deram”.

Como estamos perante interacções ao telefone que se passam na rádio, os interlocutores realizam uma troca de agradecimentos que se aproxima das interacções de serviço. Nestas últimas, para além da função primária de manifestar o

reconhecimento por um serviço prestado, ocorre uma função secundária de “sinalizar o jogo mimético” (André-Larochebouvy, 1984).

4.1.2. A ritualização das práticas cerimoniais: as sequências discursivas de saudação de despedida

De acordo com J. Laver (1981), o comportamento cerimonial que existe na fase de fecho é regularmente mais elaborado do que aquele que ocorre na fase de abertura, sugerindo que, no fecho, há um maior risco para a face dos participantes.

Este risco para a face dos participantes está demonstrado pelas duas principais funções que a comunhão fática desempenha na fase do fecho: a primeira função é terminar a interação de uma forma cooperativa sem nenhum sentimento de rejeição da parte do interlocutor que é deixado; a segunda função da comunhão fática serve para consolidar a relação estabelecida entre os dois participantes através de comportamentos que enfatizam o prazer do encontro, a estima mútua que os participantes desenvolvem uns pelos outros, a promessa de construção de uma relação, a asserção de uma solidariedade mútua e o anúncio de um consenso continuado que visa a realização de encontros futuros (*Idem*: 302-303).

Atentemos no seguinte excerto:

Programa: BN

Tema: “Pontualidade”

Data: Maio/1998

Ouvinte nº. 73, feminino

Fecho:

Locutora: [Agradecimento Intensificado + T. End.] «Muito obrigada F..»

[Saudação de despedida + Saudação de despedida] «Um beijinho, até uma próxima.»

Ouvinte: [Saud. de despedida] «Então até uma próxima.»

Locutora: [Saud. de despedida + Saudação] «Adeus, boa noite.»

Ouvinte: [Saudação de despedida] «Adeus.»

A ocorrência de saudações de despedida reiteradas permite que os interlocutores ratifiquem a participação interlocutiva instituída na e pela conversa estabelecida (Kerbrat-Orecchioni, 2004), denotando um cuidado trabalho de figuração e o “envolvimento conversacional” (Tannen, 2001: 157; Gumperz, 1982: 2-3) dos participantes da interação.

4.1.3. A sequência prototípica com a realização facultativa dos votos: [T. End. + Agradecimento + Saudação de Despedida + (Votos)]

Não raro, no fecho das interações na rádio, assiste-se à realização de uma sequência prototípica constituída por um acto de agradecimento seguido do movimento

de saudação de despedida que co-ocorre com actos de votos que apresentam uma realização facultativa.

Observemos então o seguinte exemplo que ilustra esta descrição:

Programa: TA

Tema: “Equipas portuguesas nas competições europeias”

Data: Dezembro de 2001

Ouvinte n.º. 384, masculino, Lisboa, Motorista de táxi

Fecho:

Locutor: [T. End. + Agrad. com Superlativo + Saud. + Votos] «A., muito obrigado, boa noite, bom fim-de-semana.»

Ouvinte: [Agrad.] «Obrigado.»

[Agrad.] «Obrigado a vocês.»

Os actos de votos que co-ocorrem com as saudações de despedida constituem uma forma de os interlocutores estabelecerem um espaço interaccional com um claro *envolvimento cooperativo* (André-Larochebouvy, 1984: 102).

Os votos, tal como os agradecimentos e os projectos, constituem “actos de fecho” (Traverso, 1996: 84) que expressam, no seu conteúdo proposicional, o desejo de que algo de positivo aconteça no futuro ao alocutário, orientando-se portanto para o que acontece após a conversação (*Idem*: 87).

5. Variações do protótipo: modificações do modo de expressar a sequência prototípica de fecho

5.1. [Agradecimento Intensificado + \emptyset token de Saudação de Despedida]

No *corpus* em análise, ocorre uma variação da sequência prototípica de fecho constituída pela realização do acto de agradecimento e sem a produção do movimento de saudação de despedida. Nestes casos, o ouvinte produz ele próprio o *token* de saudação de despedida, implicitando assim a fórmula prototípica:

Programa: BN

Tema: “A preguiça”

Data: Abril de 1998

Ouvinte masculino que tinha sido previamente perdido. Motorista, 33 anos, n.º. 10.

Fecho:

Locutora: [Agradecimento intensificado] «Muito obrigada.»

Ouvinte: [Saudação] «Muito bom dia...»

→Locutora: [Despedida + Saudação + Votos] «Adeus, bom dia e uma boa viagem.»

→Ouvinte: [Votos] «e... uma boa semana de trabalho, tá bom?»

Locutora: [Agradecimento com Superlativo + Retribuição] «Muito obrigada, para si também.»

Ouvinte: [Agradecimento] «Obrigado.»

O ouvinte n.º 10 revela estar na posse do conhecimento do protótipo, produzindo o *token* de saudação de despedida que completa a sequência prototípica de acto de agradecimento seguido do movimento de saudação.

Por vezes, entre o acto de agradecimento produzido pelo locutor de rádio e o movimento de saudação, o ouvinte desenvolve primeiro uma estratégia discursiva de minimização do mérito através de asserções como “Ora essa”, “De nada”:

Programa: BN

Tema: “O relacionamento entre duas gerações”

Data: Abril/1998

Ouvinte n.º 42, feminino, 60 anos, professora

Fecho:

Locutora: [Avaliação] «Sim senhora.»

[Termo de Endereçar+Agradecimento Intensificado] «R. muito obrigada por ter trazido a sua opinião.»

→Ouvinte: [Minimização] «Ora essa.»

[Saudação] «Boa noite.»

Com efeito, de acordo com C. Kerbrat-Orecchioni (1987), o locutor que realiza um acto de agradecimento coloca-se numa posição baixa, de devedor, em relação ao interlocutor (Idem: 10).

Através de produções discursivas como “ora essa”, o interlocutor desenvolve uma estratégia discursiva de minimização. Estas estratégias de “minimização do mérito ocorrem no quadro de um princípio conversacional de modéstia” (Fonseca, 1994: 215) e constituem, pois, uma forma de evitar a reiteração dos actos de agradecimento que põem em risco a face positiva de quem os produz, constituindo, assim, uma estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do locutor do acto de agradecimento.

5.2. [Saudação de Despedida + o Acto de Agradecimento]

No *corpus* ocorre também uma primeira intervenção do locutor constituída apenas pelo movimento de saudação e sem a realização de um acto de agradecimento. Este último poderá ser realizado mais tarde pelo locutor e, caso contrário, se o locutor não realizar este acto, ele poderá mesmo não ocorrer, dado o facto de, como afirmámos anteriormente, só o locutor de rádio ter a prerrogativa de agradecer a aceitação do acto de convite que realizou no início das emissões. Neste último caso, o fecho apresenta uma estrutura constituída apenas por actos de saudação de despedida:

Programa: ES

Data: Novembro de 2001

Tema: Livre

Ouvinte n.º 415, masculino, Leiria, Camionista.

Fecho:

Locutor: [Desp.] «Um abraço também.»

[Votos] «Boa viagem.»

Ouvinte: [Desp. + Desp. + Votos] «Um grande abraço pra si, e o F. de A. acho que está a escutar a gente, um abraço pra ele e as melhoras.»

Locutor: [Ratificação + Saud. de desp. + Votos + Agrad. com Superlativo] «Está entregue, um abraço, boa viagem, muito obrigado.»

Ouvinte: [Desp. + T. End.] «Um abraço O.»

6. Estrutura prototípica das vezes de elocução no fecho

6.1. Fechos com quatro vezes de elocução

As interações verbais em programas de rádio constituídos por telefonemas de ouvintes revelam estruturas de fecho constituídas por quatro vezes de elocução (Cf. Quadro 1), características do modo como o fecho se realiza nas conversas telefônicas mundanas (Schegloff; Sacks, 1973).

Quadro 1: Número de vezes de elocução no fecho

	NÚMERO DE VEZES DE ELOCUÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
OCORRÊNCIAS VÁLIDAS	0	9	2
	1	39	8
	2	73	15
	3	86	18
	4	124	26
	5	42	9
	6	41	9
	7 OU MAIS	47	10
	TOTAL	461	96
VALORES MISSING	NÃO INDICADO	18	4
TOTAL		479	100

Fonte: Corpus de programas de rádio BC, BN, CM, ES, TA.

O fecho arquetípico compreende uma primeira vez de elocução com uma proposta de fecho; na segunda vez de elocução, o interlocutor aceita esta oferta/proposta de fecho com uma ratificação mimeticamente produzida, abrindo assim o espaço discursivo à produção de uma etapa posterior na mesma direcção; a terceira vez de

elocução constitui a primeira parte de um par “terminal” constituído por uma saudação de despedida que abre a possibilidade de a quarta vez de elocução ser constituída por uma saudação de despedida que fechará assim a interacção (Müller, 1995: 211).

Os fechos com uma vez de elocução resultam do corte da chamada realizado pelos “profissionais da antena” em face do incumprimento do tema por parte do ouvinte ou resultam do alongamento das estruturas de pré-fecho que exige o fecho rápido.

7. Alargamento da estrutura de vezes de elocução: estratégias discursivas de desaceleração no fecho

7.1. “Saudações complementares”: estratégias de consolidação

J. Laver (1981) refere que, no fecho, os rituais verbais que possibilitam a colaboração entre os interlocutores fazem parte do trabalho de figuração e constituem estratégias discursivas de consolidação da relação instituída. Estes “comentários de consolidação” são estratégias discursivas orientadas para a face positiva dos interlocutores (*Idem*: 303).

Atentemos no seguinte exemplo⁸ de “saudação complementar” de fecho:

Fecho:

→Locutor: [Saud. Cortês+Saud.] «Foi um prazer ouvi-lo, um bom dia pra si.»

(CM; “A condução em Portugal”; 7/01/98; ouvinte n.º. 219, masculino, camionista)

Esta saudação cortês realiza um movimento retroactivo de avaliação do que foi dito, estabelece a “acomodação intersubjectiva” e contribui para a consolidação da relação interlocutiva.

7.2. Elogios, votos, convites e projectos futuros (actos de cortesia)

No fecho ocorrem actos de cortesia como os votos e os elogios. Estes actos ilocutórios orientam-se para a valorização da face positiva do alocutário, constituindo estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva deste último:

→Ouvinte: [Votos + Elogio ao Colaborador] «e estimo que tenham aí um... com muita saúde, a você e a todos os estimados ouvintes a quem me atendeu, que é uma pessoa espectacular, não é.» (ES; Tema: Livre; 12/01/01; ouvinte n.º. 399, masculino).

O acto com o valor ilocutório de convite constitui uma estratégia de delicadeza negativa (acto não solicitado pelo interlocutor) para com a face positiva do alocutário e, sendo um acto que pertence à classe dos actos “directivos comissivos”, exige a aceitação (“sequência preferida”) ou a recusa (“sequência não preferida”) e/ou ratificação do alocutário (Almeida, 2000):

⁸ Neste ponto e nos pontos seguintes, procedemos apenas à transcrição dos segmentos principais que ilustram a descrição realizada.

→ Ouvinte: [Convite] «Temos qu'ir jantar um dia qualquer pá.»

Locutor: [Aceitação + Asserção] «Queira Deus que sim, que seja que seja breve que é para podermos recordar aí alguns momentos bons também, (...) à vida.» (ES; Tema “Livre”; 20/11/01; ouvinte n.º 412, masculino, Camionista)

8. Estratégias de “desaceleração” no pré-fecho

8.1. Asserção-resumo

A asserção-resumo constitui uma estratégia discursiva efectuada pelos locutores para que o “abrandamento” do fluxo da progressão temática se realize. Esta estratégia permite a produção de um movimento retroactivo, resumindo o que foi dito pelo ouvinte e, projectivamente, inicia o pré-fecho (Müller, 1995 : 212) :

Pré-fecho:

→Locutora: [Asserção-resumo] «Portanto neste caso, segundo a sua opinião, seria favorável de facto a... a divisão do país, não é?»

→Ouvinte: [Asserção-resumo] «Eu tenho eu tenho muita pena qu'esse povo não saiba distinguir o trigo do joio e, você vai ver no próximo mês, nas eleições, a maior parte desse povo vai votar “não”, porque estão, estão ali sufocados por aqueles que têm medo de perder os seus privilégios.» [Asserção metadiscursiva] «É só isso que lhe digo.» (BN; “A regionalização”; Outubro de 1998; ouvinte masculino; Porto; n.º 130).

As asserções-resumo permitem à locutora preparar o fecho com a realização de apenas duas vezes de elocução: depois da realização da asserção-resumo, o ouvinte ratifica-a, legitimando e justificando a entrada no fecho da interacção.

8.2. Avisos e justificações: operadores de sequencialização e “comentários de mitigação”

Como forma de demonstrar ao ouvinte que o tempo da emissão por ele assumido já vai longo e com o objectivo de aquele dar início à conclusão do seu discurso, os locutores dos programas de rádio em análise realizam actos com o valor ilocutório de aviso no pré-fecho:

Pré-fecho:

→Locutor: [Aviso com T. End.] «F. olhe, estamos mesmo no fecho da emissão.»

Ouvinte: Perg.] «Como?»

Locutor: [Aviso com T. End.] «F., estamos mesmo no fecho da emissão.» (BC; Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”; 5/05/98; ouvinte n.º 305, masculino, Lisboa).

Como referimos anteriormente, os actos com o valor ilocutório de aviso apresentam como conteúdo proposicional <acontecimento ou estado futuro E> e como

condição essencial o facto de a realização do acto <valer como assumir que E não é proveitoso para o alocutário>. Este acto assemelha-se ao acto de conselho: aconselhar “vale como assumir que o acto C é de grande interesse para o alocutário”, enquanto que avisar “vale como assumir que o evento ou estado futuro E não é do interesse de A” (condição essencial destes actos).

O segmento “Olhe”, que co-ocorre com o nome próprio (“F., olhe,”), é uma fórmula de interlocução polifuncional que constitui um forma nominal de tratamento e tem também o papel fático de apelo, de manutenção do contacto (Carreira, 1997: 284).

As asserções metadiscursivas como «F. olhe, estamos mesmo no fecho da emissão.» ou, por exemplo, “Claro, juízo, vamos terminar” (ouvinte n.º 135, BN) constituem operadores de sequencialização que marcam o início da estrutura de pré-fecho. Estes marcadores podem também co-ocorrer com actos de justificação.

Os segmentos justificativos constituem uma estratégia de mitigação e/ou “comentário de mitigação” (Laver, 1981) que possibilitam a mitigação dos valores ilocutórios mais ameaçadores das faces dos interlocutores. Estes segmentos evitam (estratégias de delicadeza negativa) a ameaça de um fecho inesperado e demasiado rápido, contribuem para o “abrandamento do fluxo interaccional” e são uma tentativa de entrar na fase de fecho.

Atentemos na seguinte sequência:

Pré-fecho

→Locutor: [T. End. + Aviso + Justificação] «L.P., temos que terminar, temos muito mais gente atrás.»

[Asserção de Justificação] «Já passam vinte e dois minutos das 3 da manhã e a fila está longa.» (TA; “O terrorismo”; 15/09/01; ouvinte n.º 327, masculino)

Com efeito, os constrangimentos de tempo da emissão exigem “o abrandamento do fluxo de progressão temática” (Traverso, 1996) e possibilitam a redução do número de vezes de elocução das estruturas de pré-fecho⁹ das interacções que ocorrem no *contexto institucional* de rádio (Hutchby, 1996).

Conclusão

O funcionamento dos rituais de fecho tem por base uma visão negativa da separação em contraponto com uma visão positiva do encontro: os participantes não só negociam cooperativamente o processo de fecho da interacção, mas também procuram compensar, através da realização de estratégias de “acomodação intersubjectiva”, o valor axiológico negativo da separação do encontro, o que denota um cuidado trabalho de figuração.

As justificações de fecho, o balanço positivo da interacção com saudações complementares, os agradecimentos, os votos, avisos e elogios que se integram nas manifestações de solicitude e de preocupação com o interlocutor são alguns dos actos que ocorrem no fecho. Estes últimos, a par dos actos de estabelecimento de projectos

⁹ Sobre este assunto, cf. Almeida (2005: pp. 595-606).

futuros, como os actos com valor ilocutório de convite (Almeida, 2000), fazem parte de uma estratégia de consenso e de equilíbrio na relação interlocutiva. Estes actos denotam o “empenhamento mútuo” dos interactantes na construção da “história conversacional”, terminando a interacção com uma nota optimista que revela a possibilidade de esta continuar futuramente.

Referências

Almeida, Carla Aurélia de (2000) Convi(dar)te. Análise pragmática dos actos ilocutórios de oferta e convite em interacções do quotidiano. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 19/20, pp. 199-236.

(2003) Algumas questões teórico-metodológicas levantadas pela análise de um corpus de interacções verbais na rádio. in *Actas do XVIII Encontro da APL (Porto, 2-4 de Outubro de 2002)*, Lisboa, APL, pp. 37-45.

(2005) *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.

André-Larochebouvy, Danielle (1984) *La Conversation quotidienne*. Paris : Didier.

Brown, P.; Levinson, S. (1978) Universals in language Use: Politeness phenomena. In Esther Goddy, (ed.) *Questions and Politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 56-289.

Carreira, Maria Helena Araújo (1997) *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain – Paris : Éditions Peeters.

Conein, B. (1989) Pourquoi doit-on dire bonjour? in Isaac Joseph et al. (eds.) *Le Parler frais d' Erving Goffman*. Paris : Minuit, pp. 196-208.

Drew, Paul; Heritage, John (eds.) (1992) *Talk at Work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fonseca, Joaquim (1996) O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo - o Diálogo I. *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, Vol. XIII, pp. 87-145.

(1994) *Pragmática Linguística. Introdução, teoria e descrição do Português*. Porto: Porto Editora.

Goffman, Erving (1974) *Les Rites d'interaction*. Paris : Les Éditions de Minuit.

Gumperz, John (1989) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*, La Réunion: L'Harmattan.

Heller, M. (2001) Discourse and interaction. In D. Schiffrin et al. (eds.) *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, pp. 250-264.

Hutchby, Ian (1996) Power in discourse: the case of arguments on a British talk radio show. *Discourse & Society*, vol. 7, 4, pp. 481-497.

Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1986) *L'Implicite*, Paris, Armand Colin, 2^{ème} édition.

- (1987) La description des échanges en analyse conversationnelle: l'exemple du compliment. *DRLAV*, 36-37, pp.1-53.
- (1990) *Les Interactions verbales*, I. Paris : Armand Colin, 3^{ème} édition.
- (2004) Introducing polylogue. *Journal of Pragmatics*, vol. 36, 1, pp. 1-24.
- Müller, Frank Ernst (1995) Trilogue et 'double articulation' de la conversation radiophonique. In C. Kerbrat-Orecchioni, C.; C. Plantin (orgs.) (1995) *Le Trilogue*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon., pp. 201-223.
- Laver, J. (1981) "Linguistic routines and politeness in greeting and parting" in F. Coulmas (ed.), *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*. The Hague: Mouton, pp. 289-304.
- Roulet, Eddy *et al.* (1985) *L'Articulation du discours en français contemporain*. Berne Francfort S/ Main : Peter Lang.
- Scannell, Paddy (ed.) (1991), *Broadcast Talk*. London: Sage.
- Tannen, Deborah (2001) The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance. In M. Wetherell *et al.* (eds.) *Discourse Theory and Practice. A reader*. London: Sage, pp. 150-166.
- Traverso, Véronique (1996) *La Conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.